

## **“O DIABO NÃO HÁ! EXISTE É HOMEM HUMANO!”** **Apontamentos sobre o demônio em *Grande Sertão: Veredas***

Itacir Brassiani

### **“Guerra diverte – o demo acha”**

No mês de janeiro de 2002, no contexto de uma série de investidas de terrorismo de Estado implementadas pelos EUA como reação aos atentados que sofreram no dia 11 de setembro de 2001, o Presidente norte-americano George W. Bush afirmou que a Coreia do Norte, o Iraque e o Irã fazem parte do “eixo do mal”, do qual os “países do bem” devem se afastar ou até combater. O diabo acha que a guerra diverte, escreve Guimarães Rosa.

No mês de fevereiro de 2002, o Papa João Paulo II disse que “o demônio, o príncipe deste mundo, continua suas ações traiçoeiras” e que “todo e qualquer homem está sob a tentação do demônio”.

Ainda no mês de fevereiro, enquanto escrevo estas linhas, os jornais mostram a tradicional cerimônia de *apedrejamento do demônio*, realizada anualmente pelos muçulmanos num lugar próximo a Meca. Trata-se do apedrejamento de alguns pilares que simbolizam o demônio, um ritual que marca o último dia da obrigatória peregrinação anual dos muçulmanos. Um paquistanês que participava do ritual declarou: “Creio que o governo americano e Israel são, atualmente, os maiores Satãs. Hoje apedrejei os dois”.

Para a maioria dos estudiosos, inclusive teólogos, a figura de Satanás é a projeção e personificação das forças-mestras da psique humana. As características atribuídas a ele são universais e encontradas no ser humano, de forma que, *analisando aquilo que é atribuído a Satanás, se pode chegar a compreender melhor as forças ambivalentes que existem no próprio homem*. Entretanto, o professor norte-americano John Cooper informava, num artigo escrito nos anos 1970, que existiam nos EUA centenas de pessoas “para as quais o culto de Satanás, tomado no sentido sério do termo ou no sentido simbólico, é muito real”.

Como metáfora e personalização das forças ameaçadoras, opressoras e destruidoras ou como constatação da ambigüidade histórica dos desejos e projetos humanos, *o demônio continua presente na cultura e na sociedade ocidental e oriental na aurora do século XXI*. E o fato de a idéia do satânico encontrar-se hoje em grande parte fora do mundo da religião pode torná-la ainda mais perigosa. Fora dos limites de uma religião dominante fica muito fácil aplicar “etiqueta” de satânico para marginalizar e demonizar os que são considerados inimigos<sup>1</sup>.

1. Cf. Rosemary Muir WRIGHT. Satanás e Anticristo – Símbolos necessários?, em *Concilium* 274 (1998/1) 72.

## “A vida é muito discordada”

Há quem afirme que, nos meios de comunicação social, o diabo recebe mais atenção que Deus. Bruxas, duendes, demônios e diabos sempre fascinaram a humanidade e têm despertado o interesse também do cinema e da literatura atuais.

O filme *O Exorcista*, de William Peter Blatty, parece implicitamente rejeitar as respostas da medicina e da psicologia, como que se negando a violar o mistério do mal, do qual se ocupa. Acaba por suscitar uma espécie de temor religioso, na medida em que insiste nos limites do nosso conhecimento sobre a questão e na insegurança diante de algo que não se encaixa em nosso modo convencional de ver a realidade. Conforme J. Navone, “*O Exorcista* soube captar a imaginação popular e graduar as ansiedades, as fantasias e os temores subterrâneos que ultimamente se manifestaram no seio da sociedade contemporânea. Orquestra dramaticamente o interesse atual pelo ocultismo, pelos fenômenos psíquicos, o satanismo e a aspiração humana por qualquer forma de tomada de *consciência das próprias inclinações destruidoras*”<sup>2</sup>.

São diversos os escritores e obras literárias que abordam o tema do diabo, de forma direta ou mediante circunlóquios. O exemplo clássico é Kafka, que, nas obras *O Castelo* e *O Processo*, tematiza o *peso quase insuportável da impotência humana diante de um mal envolvente e desconhecido*. Trata-se da abordagem do que se pode chamar de “lado nebuloso da natureza”, apontando para necessidades e complexidades humanas que não se entregam a explicações convencionais.

Entre nós, temos a fantástica história épica de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*. “A vida é muito discordada”, afirma seu protagonista (p. 445). O filósofo Ernildo Stein assume a análise de Max Bense quando afirma que o romance é uma *teodicéia épica*, por ser uma narração de uma história na qual o mal é admitido e utilizado como argumento a favor da existência de Deus<sup>3</sup>. A problemática demonológica é um dado essencial da obra<sup>4</sup> e está claramente presente como tema e como atmosfera, nesta que é uma das mais significativas criações épicas da literatura contemporânea ocidental<sup>5</sup>.

A presença central da problemática demonológica, o profundo enraizamento da obra na cultura e religiosidade popular brasileira e o caráter monumental de *Grande Sertão: Veredas*<sup>6</sup> soaram como convite e provocação para estas linhas. Para a questão do demônio em *GSV* buscarei apoio nas reflexões de Ernildo Stein e José Dacanal, anteriormente referidas.

2. Diabo/Exorcismo, em Stefano DE FIORES e Tullo GOFFI (dir.), *Dicionário de Espiritualidade*, 2ª ed., São Paulo: Paulus, 1993, p. 269 (o destaque é meu).

3. Cf. Ernildo STEIN. A Conversão mitopoética, chave hermenêutica de *Grande Sertão: Veredas*, em: *idem: Instauração do sentido*. Porto Alegre: Movimento, 1977, p. 11-27.

4. Cf. José H. DACANAL. *Nova narrativa épica no Brasil*. 2ª ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 53.

5. Cf. José H. DACANAL, *ob. cit.*, p. 23-67.

6. As citações se referem ao texto publicado pela Editora Nova Fronteira (31ª impressão), Rio de Janeiro, 1996. A obra será citada doravante como *GSV*.

## “Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo”

Tanto Stein como Dacanal criticam enquadramentos e hermenêuticas apressadas de *GSV*. Stein escreve que, para atingir o verdadeiro nível de reflexão a que faz jus *GSV*, é preciso superar as fáceis, apressadas e superficiais interpretações teológicas, religiosas ou demonológicas. Estes aspectos são *parte do mundo da subjetividade de Riobaldo* (personagem central da obra) ou de Guimarães Rosa (autor). Os conflitos subjetivos mais trágicos e mais decisivos expressos pelo autor/personagem numa perspectiva mítica, tanática e agônica seriam o verdadeiro conteúdo da obra<sup>7</sup>.

Segundo Ernildo Stein, em *GSV*, Guimarães Rosa “fala da realidade mais real que se desdobra no cotidiano do coração: *a travessia da vida que suscita o fáustico embate do homem consigo mesmo*, e que exige uma justificação daquilo que deveria ser o princípio da harmonia da existência diante da constante insinuação da desordem e do mal”<sup>8</sup>. A obra desenvolveria então a convicção de que *somente a razão conjugada ao mito pode assumir o mundo em seu total significado e em seu repto fundamental*. Mas esta questão filosófico-existencial é apresentada em *GSV* numa versão mitopoética, o que tem induzido a leituras fáceis e superficiais.

José H. Dacanal faz da *contraposição entre passado e presente* a estrutura de *GSV* e da *passagem de uma cosmovisão mítico-sacral a uma visão lógico-racional do mundo e da existência humana*, seu tema fundamental. Segundo ele, o que a obra aborda é a travessia ou passagem de Riobaldo de um passado (tempo no qual a história ocorreu) a um presente (tempo no qual o protagonista narra e analisa o ocorrido). Mais que dois momentos temporais, são dois planos de uma mesma consciência e de uma mesma existência qualitativamente opostos<sup>9</sup>. É uma travessia interior de um mundo culturalmente primitivo para uma consciência reflexiva. “Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo”, diz Riobaldo (p. 26).

Assim, Dacanal chama a atenção para um aspecto que julga essencial para compreender e interpretar correta e coerentemente *GSV*: a história é uma narração feita por um herói que possui uma consciência lógico-racional da trajetória histórico-existencial que possibilitou a superação de uma consciência mítico-sacral. Noutras palavras: a obra épica de Guimarães Rosa seria uma crítica a uma visão de mundo mítico-sacral, aquela que procura nas coisas e fatos uma manifestação do divino, um *sentido* ou *mensagem* que ultrapassa sua realidade material, empírica ou lógica. O recurso ao tema de Deus e do Diabo seria apenas um meio para afirmar o nascimento histórico-existencial e a supremacia de uma visão de mundo imanente e agnóstica. Esta visão estaria expressa poeticamente na afirmação final de Riobaldo (p. 538): “O diabo não há... Existe é homem humano. Travessia”.

Minha hipótese de trabalho é levemente diferente. Guimarães Rosa aborda, mediante uma narrativa épica e na linguagem do homem sertanejo, a questão do Homem e da Transcendência na História. Para afirmar a Liberdade do Homem na História, de-

7. Cf. Ernildo STEIN, *ob. cit.*, p. 12.

8. *Ibid.*, p. 13 (o destaque é meu).

9. José H. DACANAL, *ob. cit.*, p. 32.

envolve a mediação humana e histórica da ação de Deus. Para afirmar a bondade e parceria de Deus com o Homem, nega a existência do diabo enquanto dominação absoluta e anulação da liberdade. Situa a origem do mal no interior obscuro do próprio Homem ou nas forças sociais de domínio. Aborda a questão do diabo e do pacto com ele como estratégia para afirmar sua não-existência e responsabilizar o Homem pelo que acontece na sociedade humana.

### “O sertão é do tamanho do mundo”

A epopéia narrada em *GSV* é apresentada como uma grande viagem. As metáforas de *travessia*, de *caminho*, de *viagem* estão presentes em todo o texto. O ambiente específico onde ocorre esta travessia é o sertão. É no sertão que se realiza a travessia.

Mas o sertão é mais que o sertão: “O sertão é do tamanho do mundo” (p. 60). Está em toda parte, aceita todos os nomes, comporta tudo, está tanto fora como dentro do homem. É o lugar da ambivalência das coisas, de encarnação da ternura e personificação do ódio, das incertezas, do vazio. “Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde o homem tem de ter a dura nuca e a mão quadrada” (p. 92). Sertão é metáfora daquilo que é provisório, precário, mutante, aberto, inapreensível. É o cosmos, a história, a vida. Em *GSV* “o sertão é o mundo reconstruído na linguagem, inventado para mostrar a luta essencial do homem”<sup>10</sup>. O sertão é o cenário ou paisagem onde se dá a travessia, onde o homem conquista sua maioria, onde se decide sobre o bem e o mal.

A vida é uma travessia e viver é perigoso, afirma constantemente o jagunço Riobaldo. É como se todos viéssemos do inferno (p. 38). Por isso declara: “Ah, medo não tenho é de ver morte, mas de ver nascimento” (p. 48). “Viver é um descuido prosseguido” (p. 57). “Cada hora, de cada dia, a gente aprende uma qualidade nova do medo” (p. 72). “Tudo, naquele tempo, e de cada banda que eu fosse, eram pessoas matando e morrendo, vivendo numa fúria firme, numa certeza, e eu não pertencia a razão nenhuma, não guardava fé e nem fazia parte” (p. 121). “A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e se desmisturar. A sem-vergonhice reina, tão leve e pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade” (p. 125). “A vida é ingrata no macio de si; mas traz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado...” (p. 192). “Natureza da gente não cabe em certeza nenhuma” (p. 367).

É em meio à travessia do sertão/mundo, onde há de tudo, que o homem tem a tarefa de fazer-se, construir-se, tornar-se adulto, conquistar a autonomia. Nela o personagem Riobaldo se defronta com três questões filosófico-existenciais: a liberdade do homem, a bondade de Deus, o paradoxo do mal<sup>11</sup>. Ele enfrenta a ambivalência e a sobreposição das várias lutas: a luta humana pela sobrevivência; a luta pela sua própria emancipação; a luta contra o mistério do mal e pelo sentido da vida; a luta contra o jagunço Hermógenes, encarnação histórico-social do mal no sertão. Nesse contexto se insere a referência ao diabo.

10. Ernildo STEIN, *ob. cit.*, p. 16.

11. *Ibid.*, p. 18-23.

### **“É um querer invocar que ele forme forma”**

Um aspecto aparentemente periférico, mas que chama a atenção logo na primeira leitura de *GSV*, é a quantidade de nomes, sinônimos ou metáforas que o autor usa para se referir ao diabo. São mais de setenta diferentes denominações! Creio que esta constatação já anuncia a importância central do tema *diabo* e da relação humana com ele em *GSV*. Mesmo ciente de que minha lista não esgota as referências, transcrevo os nomes que consegui anotar.

Eis a lista das expressões usadas para se referir ao diabo, em *GSV*: O Anhangão, Aquele, o Arrenegado, o Austero, o Azarape, Barzabu, o Bode-Preto, o Cão, o Cão-Extremo, o Canho, Capeta, Capiroto, o Careca, o Carujo, o Carocho, o Coisa-Má, o Coisa-Rúim, o Coxo, o Cramulhão, o Crespo, o Cujo, o Dado, o Danado, o Danador, o Das-Trevas, o Dê, o Debo, Demo, o Demônio, Diá, Diabo, o Dianho, o Dião, Diogo, o Dos-Fins, o Dubá-Dubá, o Ele, o Figura, o Galhardo, o Homem, o Indivíduo, Lúcifer, o Mafarro, o Mal-Encarado, o Maligno, o Morcegão, o Muito-Sério, o Não-Sei-Que-Diga, o Ocultador, o Oculto, o Outro, o Pactário, o Pai-do-Mal, o Pé-de-Pato, o Pé-Preto, o Que-Não-Existe, o Que-Não-Fala, o Que-Não-Há, o Que-Não-Ri, o Que-Nunca-Se-Ri, o Rapaz, o Satanão, o Sem-Gracejos, o Servo-Mor, o Solto-Eu, o Sujo, o Tal, o Temba, o Tendeiro, Tentador, o Tibes, o Tinhoso, o Tisnado, o Tranjão, o Tristonho, o Tunes, o Xu.

Para *GSV*, a existência de tamanha variedade e quantidade de apelativos referidos ao diabo expressa um problema. Parece que há necessidade de forçar sua existência. “E, o respeito de dar a ele assim esses nomes de rebuço, é que é mesmo um querer invocar que ele forme forma, com as presenças!” (p. 2).

### **“Ele está misturado em tudo”**

Por causa da ambivalência de todas as coisas, na sua primeira fase de consciência, Riobaldo vê a ação do diabo por toda parte. “Arre, ele está misturado em tudo” (p. 4). É uma realidade que mexe profundamente com sua existência no mundo. Essa questão é um dos elementos essenciais que constituem o protagonista como personagem<sup>12</sup>. Na narrativa de *GSV*, o diabo sintetiza o mal na travessia para Deus e para a maioria humana. Resume a existência e a força do mal físico, do mal moral e do mal metafísico. Também para a teologia cristã, diabo e demônio fazem parte dos símbolos bíblicos do mal e têm a função de expressar “uma realidade que transcende cada uma de suas expressões contingentes e parciais”<sup>13</sup>.

O mal físico consiste antes de tudo na dor. *GSV* tematiza a existência dessa dor da natureza, perceptível nas deformações dos animais domésticos, nas raízes e frutos venenosos, nos animais ferozes, nas pedras que envenenam as águas... Mas Riobaldo constata também o mal físico e da dor humana e se pergunta pela sua origem e seu sentido. “Aquilo não era o que em minha crença eu prezava. Porque, num estalo de tempo,

12. Cf. José H. DACANAL, *ob. cit.*, p. 52.

13. Juan RUIZ DE GOPEGUI. “As figuras bíblicas do diabo e dos demônios em face da cultura moderna”, em: *Perspectiva Teológica* 29 (1997) 331.

já tinham surgido vindo milhares desses, para pedir cura, os doentes condenados: lázaros de lepra, aleijados por horríveis formas, ferimentos, os cegos mais sem gestos, loucos acorrentados, idiotas, héticos e hidrópicos, de tudo: criaturas que fediam. Senhor enxergasse aquilo, o senhor desanimava... Vendo assaz, se espantava da seriedade do mundo para caber o que não se quer. Será acerto que os aleijões e feiezas estejam bem convenientemente repartidos, nos recantos dos lugares. Se não, se perdia qualquer coragem. O sertão está cheio desses... *Porque existe dor. E a vida do homem está presa encantada – erra rumo, dá em aleijões como esses, dos meninos sem pernas e braços. Dor não dói até em criancinhas e bichos, e nos doidos – não dói sem precisar de se ter razão nem conhecimento?... O senhor não vê? O que não é de Deus é estado do demônio*” (p. 47-48; o destaque é meu).

Quanto ao mal moral, ele tem seu nascedouro na liberdade humana. Em *GSV* aparecem vários personagens que agem fazendo o mal, semeando violências, dominando os mais fracos, matando pelo prazer de matar. Hermógenes e Ricardão sintetizam e encarnam o mal no sertão, pois semeiam violência e tingem de sangue os lugares por onde passam. Mas uma grande atenção é dedicada também à questão do mal nas intenções, projetos e ações do próprio Riobaldo. Ele mesmo experimenta a sedução do mal e sente-se interiormente impulsionado a praticá-lo, sem razão alguma. Descobre-se humano e teme a ambivalência da liberdade do homem. “Mas a água só é limpa é nas cabeceiras. O mal ou o bem, estão é em quem faz; não é no efeito que dão” (p. 81).

O mal metafísico aparece em *GSV* como a melancolia que se faz companheira de Riobaldo em todas as horas. Trata-se da experiência da precariedade da vida, da transitoriedade das coisas, da finitude humana. É a presença da negatividade do mundo, do nada da existência, do absurdo e da falta de sentido. A expressão “nonada” (não + nada) abre a narração, acompanha a epopéia e reaparece nas últimas frases. Esta experiência do nada, da inconsistência de tudo, da falta de sentido dos acontecimentos, do caos das coisas e fatos da travessia da vida deixa Riobaldo perplexo e o faz estremecer. “A gente só sabe bem aquilo que não entende” (p. 332). “Vida é noção que a gente completa seguida, assim, mas só por lei de uma idéia falsa. Cada dia é um dia” (p. 350). “Tivesse medo? O medo da confusão das coisas, no mover desses futuros, que tudo é desordem” (p. 346).

### **“O diabo vige dentro do homem”**

Em *GSV* Guimarães Rosa sintetiza, no símbolo do demônio, a essência dos três males acima descritos. Na medida em que personifica os males na figura do demônio, surge uma permanente tensão entre este e o homem. “Uma latência demoníaca se incorpora ao homem e o suspende sobre um abismo de onde se insinuam todos os matices do mal. Daí que emana o confronto inevitável entre o homem e satanás. Confronto em que o homem se vê a braços com o próprio nada”<sup>14</sup>.

14. Ernildo STEIN, *ob. cit.*, p. 22.

Como síntese do mal, que em sua essência é nada, ou anulação do ser, o demônio propriamente não existe. No início da narrativa, Riobaldo é chamado a fim de receber uma visita. É a este interlocutor oculto (que pode ser o leitor!) que ele irá contar sua travessia já concluída. E começa falando do sacrifício de um bezerro que nascera aleijado. Para o povo, seria sinal da ação do demônio. Mas Riobaldo, agora já na velhice e espiritualmente maduro, despreza essa visão. “Povo prascóvio” (p. 1). “Doideira. Fantasiação. E, o respeito de dar a ele assim nomes de rebuço, é que é mesmo um querer invocar que ele forme forma, com as presenças! Não seja. Eu, pessoalmente, quase que já perdi nele a crença, mercês a Deus; é o que ao senhor lhe digo, à pureza” (p. 2).

Ao mencionar casos de pessoas que teriam sofrido encosto ou possessão, Riobaldo se pergunta se os jagunços não seriam também possessos. “E, mesmo, quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio. Será não? Será?” (p. 3). Mas ele mesmo acaba afirmando que *o diabo não passa de um estado de espírito do próprio ser humano*. O diabo é o avesso e o ruim do humano, como a violência da cachoeira, a qual só é possível porque há barranco e água caindo por ele. Sem barranco e sem água não há cachoeira. Sem as maldades do próprio homem não há demônio! “*O diabo vive dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, o homem dos avessos*. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum” (p. 3; o destaque é meu).

Estas são meditações feitas pelo protagonista/narrador Riobaldo no tempo presente. O que pode enganar ou confundir o leitor desatento é que a questão do demônio e do pacto com ele está presente praticamente em cada episódio da história passada, narrada no presente. Porém, as afirmações que abrem e fecham a obra não deixam maiores dúvidas. “Olhe: o que devia de haver, era de se reunirem os sábios, políticos, constituições gradas, fecharem o definitivo a noção – proclamar por uma vez, artes assembléias, que *não tem diabo nenhum, não existe, não pode*. Valor de lei! Só assim, davam tranqüilidade boa à gente” (p. 8; o destaque é meu). Finalizando a narração e retornando ao presente do protagonista, novamente a afirmação que dirime qualquer dúvida: “*O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano*. Travessia” (p. 538; o destaque é meu)<sup>15</sup>.

### “O inimigo é o Hermógenes”

As afirmações lapidares que abrem e fecham a narrativa épica de Riobaldo, resultado das perguntas e buscas de uma vida inteira, não impedem que no “miolo” da obra, na travessia do protagonista, a possibilidade da existência do diabo e de fazer pacto com ele sejam consideradas. A sucessão de acontecimentos paradoxais e a violência irracional e inexplicável de alguns personagens parecem confirmar a existência do diabo e de pessoas que fazem pacto com ele.

15. José H. Dacanal argumenta que, sendo personificação “dos terrores primitivos, inerentes a um mundo de estruturas conscienciais mítico-sacrais”, no presente da narração, para Riobaldo “o diabo simplesmente não pode existir, não deve existir, não existe”. Admiti-lo seria o mesmo que voltar ao passado e negar a travessia existencial e histórica que o levou da consciência supersticiosa à racionalidade e da vida de jagunço ao estado atual (cf. *ob. cit.*, p. 30, nota 5).

Riobaldo conta que um companheiro seu, de nome João Bugre, afirmara sobre o violento Hermógenes: “O Hermógenes tem pauta... Ele quis com o Capiroto...” E explica: “O pacto! Se diz – o senhor sabe. Bobéia” (p. 37). Na seqüência, depois de descrever ironicamente como se faria o pacto, pergunta: “O senhor vê, superstição parva? Estornadas!” (p. 38). A existência do demônio e a questão do pacto com ele, segundo *GSV*, não passam de superstição idiota e bobeira.

É interessante perceber como a reflexão prossegue e evolui, mesmo que não linearmente. Riobaldo contesta a possibilidade do pacto com o diabo. Sobre o Hermógenes, dirá em seguida: “Com ele ninguém podia? O Hermógenes – demônio. Sim só isto. Era ele mesmo” (p. 38). Mais adiante, Riobaldo dirá: “Mas o Hermógenes era fel dormido, flagelo com frieza. Ele gostava de matar, por seu miúdo regozijo” (p. 147). Ele era a “maldade pura”. “Para matar, ele sempre foi muito pontual” (p. 359). Ele dava pena e dava medo, mas “do demônio não se pode ter pena, nenhuma...” porque é doido e traiçoeiro: se faz de manso, de triste, se aproxima, seduz com sua dança, confunde (p. 204).

Quando se aproximava o momento mais tenso e decisivo de sua vida, Riobaldo começa a desconfiar de seus companheiros e sente-se irresistivelmente atraído para a violência gratuita e irracional contra quem quer que aparecesse à sua frente. Então raciocinou: “O inimigo é o Hermógenes” (p. 358). Quem desse atenção às histórias que se contavam sobre Hermógenes, acabava em dúvidas: Hermógenes teria pacto com o diabo? “Sem crer, cri”, diz Riobaldo (p. 360), para logo depois negar a possibilidade de tal pacto: “Às parlendas, bobéia. O medo, que todos acabavam tendo do Hermógenes, era que gerava estas estórias, o quanto famanava. O fato fazia fato” (p. 360).

Mesmo que o Hermógenes continue sendo tratado como pactário no decorrer da narração, isso não passa de resíduo, por mais que ele impressionasse por ser “grande destacado daquele porte”, “senhoraço, destemido”, “ruim, mas inteirado, legítimo”. Riobaldo tomara a decisão de, com Diadorim, enfrentá-lo e eliminá-lo. “Esse menino, e eu, é que éramos destinados para dar cabo do Filho do Demo, do Pactário! O que era o direito, que se tinha. O que eu pensei, de ser assim” (p. 360). Isso evidencia o caráter fantástico da crença no pacto com o diabo e marca o início da travessia de Riobaldo.

### **“Eu estava bêbado de meu”**

Para enfrentar e derrotar Hermógenes, Riobaldo tinha necessidade de superar o fascínio e o medo que tal jagunço impunha. Precisava passar da idéia de que Hermógenes era o que era em virtude do pacto com o diabo. Necessitava superar o medo imobilizador, tornar-se adulto e autônomo. Por isso, tomou a decisão de enfrentar sozinho a questão da existência do diabo e do pacto com ele como símbolo explicativo do mal no mundo. Não que ele acreditasse na existência do diabo e na possibilidade do pacto. A questão era outra. “*Uma precisão eu encarecia: aí, de sopesar minhas seguidas forças*, como quem pula a largura dum barranco, como quem saca sua faca para relumiar” (p. 361; o destaque é meu).

Trata-se da passagem de uma visão mítico-sacral a uma visão lógico-racional do mundo. É a experiência de conhecimento do bem e do mal como possibilidades existenciais do homem. E isso ocorre num momento especialmente crítico da vida de Riobaldo. Seus companheiros caem doentes. A monotonia melancólica induz à violência como um simples exercício para espantar a rotina. É notável a falta de um sentido totalizador, a experiência de incompletude, de encruzilhada existencial.

Segundo a narração, Riobaldo decidiu procurar o demônio. Não fica muito claro se a intenção é enfrentá-lo ou pactuar com ele para enfrentar o Hermógenes. Na verdade, era o enfrentamento de si mesmo, a aferição de suas próprias forças, o conhecimento das possibilidades humanas. “Na verdade real do Arrenegado, a célebre aparição, eu não cria... Eu não acreditava, mesmo quando estremecia” (p. 361-362). Era busca de coragem. Riobaldo caminhou destemido e alegre noite adentro, em busca do encontro, pois “somente com alegria é que a gente realiza bem – mesmo até as tristes ações”, como diria mais tarde (p. 368). O que Guimarães Rosa nos oferece então é “uma das criações épicas mais impressionantes e definitivas da literatura ocidental deste século”, “um dos mais densos momentos da literatura brasileira e da narrativa ocidental”<sup>16</sup>.

A consciência que Riobaldo tinha de si mesmo vai crescendo. “Eu não ia temer. O que eu estava tendo era o medo que ele estava tendo de mim!... Viesse, viesse, vinha para obedecer. Trato? Mas *trato de iguais com iguais*. Primeiro, *eu era que dava ordem*... Eu era eu – mais mil vezes – que estava ali, querendo, próprio para afrontar relance tão desmarcado” (p. 369; os destaques são meus). Se existisse, o demônio teria que aparecer. O momento era grave, crucial. “Ah, acho que não queria mesmo nada, de tanto que *eu queria só tudo*. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era – ficar sendo!... *Eu queria ser mais do que eu*. Ah, eu queria, eu podia, carecia” (p. 370; os destaques são meus). Por isso, Riobaldo não se sentia licenciado para não ser ele mesmo. Ser ele mesmo significava desmascarar o mito do pacto com o diabo e enfrentar o Hermógenes: “Acabar com o Hermógenes! Reduzir aquele homem!...” (p. 370). Para isso, necessitava ser “mais forte do que ele (o diabo); do que o pavor dele”. Riobaldo deveria se tornar semelhante àquilo que se diz que o diabo é. “Nós dois, e tornopio do pé-de-vento – o ro-ró girando mundo a fora, no dobar, funil de final, desses redemoinhos: ...*o diabo, na rua, no meio do redemunho*... Ah, ri; ele não. Ah – eu, eu, eu!... Eu estava bêbado de meu” (p. 371).

Quando Riobaldo solta seu grito, convocando o diabo pelo nome, só se ouve o silêncio. Um silêncio particularmente eloqüente: “O senhor sabe o que o silêncio é? *É a gente mesmo, demais*” (p. 371; o destaque é meu). O diabo não respondeu nem apareceu porque não passa de um “falso imaginado”. E dessa experiência adveio ao nosso personagem um gozo indescritível e uma tranqüilidade benfazeja. Foi como ser banhado num rio imenso, como adquirir asas. Ou como nascer de novo. “Porque a noite tinha de fazer para mim um corpo de mãe – que mais não fala, pronto de parir, ou, quando o que fala, a gente não entende?” (p. 372). Experiências como essa não cabem

16. José H. DACANAL, *ob. cit.*, p. 30 e 51.

nos estreitos limites das palavras. “Cabem é no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas!” (p. 372).

Rompida a barreira do medo que o aprisionava, Riobaldo pergunta: “Posso me esconder de mim?...” (p. 373). Rompe com os grilhões que o prendiam à simples vida de jagunço que apenas vive, às vezes raciocina mas nunca pode sonhar. E confessa: “Desde por aí, tudo o que vinha a suceder era engraçado e novo, servia para maiores movimentos. Com essas levezas eu seguia a vida” (p. 378). Ele se sentia como o rio, que se movimenta sempre e não dorme. “O rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo” (p. 381-382). Isso a tal ponto que os outros jagunços notavam e se espantavam.

Riobaldo descobre-se capaz de enfrentar tanto os corajosos como os ricos. “A primeira coisa, que um para ser alto nesta vida tem de aprender, é topar firme as invejas dos outros restantes...” (p. 379). Enfrenta sem medo o rico Habão e o chefe Zé Bebelo. “O medo nenhum: eu estava forro, glorial, assegurado; quem ia conseguir audácias para atirar em mim?... Eu leve, leve, feito de poder correr o mundo ao redor... Aquele dia era uma véspera” (p. 381). Lendo o texto com atenção, podemos perceber que aqui morre o simples jagunço e nasce o homem. “Um homem é escuro, no meio do luar da lua – lasca de breu. Dentro de mim eu tenho um sono, e mas fora de mim eu vejo um sonho – um sonho eu tive. O fim das fomes... Tudo agora era possível” (p. 383). Como dirá em seguida: “Mas eu tinha conseguido encher em mim causas enormes” (p. 408).

### **“Quem vence é custoso não ficar com cara de demônio”**

A vida de jagunço, a vida no sertão abandonado, a vida na ambigüidade da história demonstra que nada no mundo é impossível. “Mas o senhor acreditando que alguma coisa é de todo impossível, então é que o senhor não pode mesmo ser chefe de jagunço, nem na menor metade só de um diazinho, nem somente nos vastos imaginados” (p. 431). É aqui que radica a possibilidade da existência do demônio, pelo menos na imaginação. Como o pássaro “crê” que o espantalho de capim é verdadeiro homem e o teme, assim o medo do diabo é que o faz existir. “Tinha o maligno? Às vezes, penso... O senhor nunca pense em cheio no demo... Quem entende a espécie do demo?... E, o que não existe de se ver, tem força completa demais, em certas ocasiões” (p. 432).

A experiência subjetiva e histórica de ser capaz de coragem, de pensar e executar projetos, de impor aos demais a própria vontade aparece como ambivalente nas memórias de Riobaldo. Se, por um lado, o que ele mais deseja é superar o medo do diabo e do chefe dos jagunços, ser ele mesmo, também não deixa de ser consciência de que tal experiência comporta perigos inolvidáveis. Observando a coragem, o poder e o sucesso do chefe Zé Bebelo, havia sentenciado: “Zé Bebelo trepava em altas serras. Duvidava de nada. Que vencia! *Quem vence é custoso não ficar com cara de demônio*” (p. 312; o destaque é meu). Efetivamente, “a vida é vez de injustiças assim, quando o demo leva o estandarte” (p. 264). O próprio Riobaldo, tornando-se o primeiro e o chefe entre os jagunços, acabou sendo temido como pactário com o diabo entre seus companheiros. A experiência de ascensão desperta a sede de domínio e a vontade de afirmação de uma superioridade que esmaga os demais.

No final da narração de sua epopéia, o protagonista Riobaldo diz que perguntara a seu compadre: “O senhor acha que a minha alma eu vendi, pactário?” E a resposta teria sido: “Tem cisma não. Pensa para diante. *Comprar ou vender, às vezes, são as ações que são as quase iguais...*” (p. 538; o destaque é meu). E a conclusão definitiva: “O diabo não há!... Existe é o homem humano. Travessia”. Ele não havia vendido a alma mas chegado àquilo que todo o homem é chamado a ser. Experimentara até o fundo a ambigüidade do ser humano.

### “O demo não era eu mesmo?”

Depois da experiência de “nascimento” narrada no episódio de Veredas Altas, Riobaldo adquire a maioridade e começa a achar pequenos e inferiores os demais chefes. Não aceita insubmissão. Elimina possíveis adversários. A passagem não o livrara da ambivalência! Ao mesmo tempo ele sonhava o fim das fomes e das violências e sua ascensão como chefe. Socorria os pobres e desvalidos, mas sentia-se atraído a afirmar seu poder a todo momento. Tinha a impressão de que até Deus baixava a cabeça concordando quando ele decidia alguma coisa (cf. p. 403). Uma das frases mais instrutivas e divertidas, segundo ele mesmo, é a que ouviu de um tal de doutor Hilário: “Um outro pode ser a gente; mas a gente não pode ser um outro, nem convém...” (p. 405).

Riobaldo não se satisfiz mesmo quando os outros se submeteram a ele e lhe entregaram o que possuíam. Achava que o anseio de paz era o mesmo que medo de guerra, e que o medo da guerra é que gera valentia. “Só quando se tem rio fundo, ou cava de buraco, é que a gente por riba põe ponte...” (p. 408). Trata-se da incompleta natureza humana. “Acho que eu não era capaz de ser uma coisa só o tempo todo” (p. 414). Tinha vontade de matar por matar, “matar assassinado, por má lei” (p. 415). É o que experimentou diante do velho Constâncio Alves e de um leproso miserável. “Que é que adiantava que, àquela hora, os passarinhos cantassem, acabando de amanhecer o campo sertão? *A enquanto sobejasse de viver um lázaro assim, mesmo muito longe, neste mundo, tudo restava em doente e perigoso, conforme o homem tem nojo é do humano*” (p. 434; o destaque é meu). De onde vinha essa maldade inexplicável? Seria verdade que nojo é invenção do diabo para evitar a compaixão, e que é ele quem leva a ver na guerra uma simples diversão? (cf. p. 47).

“Mas, aquilo de ruim-querer carecia de dividimento – e não tinha; *o demo então era eu mesmo?*”, pergunta Riobaldo (p. 415; o destaque é meu). Seria possível matar um pouquinho só ou matar em nome e por força de outro? Seria a ação do demônio na pessoa humana? “Vi que acabava tendo de matar, *e era o que eu mesmo queria*” (p. 415; o destaque é meu). Ele não podia não matar? A violência é uma inexorabilidade? “Ah, mas – ah, não! –; eu tinha decidido. Tinha ou não tinha. Eu? Assim, noutro repingo: arejei que toda criatura merecia tarefa de viver, que aquele homem merecia viver – por causa de uma grande beleza no mundo, à repentina. Um anjo voou dali?” (p. 416). Fazer o bem ou o mal, ser anjo ou demônio é uma questão de decisão pessoal!

Daí a conclusão: “E o diabo não há! Nenhum... Sempre sei, realmente. Só o que eu quis, todo o tempo, *o que eu pejei para achar, era uma só coisa* – a inteira – cujo

significado e vislumbrado dela eu vejo que sempre tive. A que era: *que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver* – e essa pauta cada um tem – mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que, sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas, esse norteado, tem. Tem que ter. *Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é.* E que: *para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser certa.* Aquilo está no encoberto; mas fora dessa conseqüência, tudo o que eu fizer, o que o senhor fizer, o que o beltrano fizer, o que todo o mundo fizer, ou deixar de fazer, fica sendo falso e é o errado” (p. 427; os destaques são meus).

### “Existe é homem humano. Travessia”

Numa espécie de balanço final, poderíamos afirmar tranqüilamente que a visão de mundo e de homem que transparece em *GSV* é positiva. É uma afirmação de fé no “homem humano” e no valor da experiência histórico-existencial. Para realizar-se e afirmar-se como sujeito o homem não precisa “vender sua alma” ou sua liberdade. Fazer-se sujeito de sua própria história é como “comprar” a sua alma sem dar nada em troca. Negando o diabo ou uma determinação exterior de sua própria existência, o homem começa a ser ele mesmo.

A tarefa de tornar-se homem, liberto do terror do diabo, é uma travessia. O ser humano nunca está acabado. A incompletude é experimentada como travessia e como ambigüidade. Na própria existência humana, nas decisões que toma, aí estão a maldade e a bondade da história. Aceitar tal estrutura e passar do medo que aprisiona e infantiliza à liberdade que constrói e amadurece é missão irrenunciável ao homem. Fugir desse destino é renunciar a ser homem humano.

Mas essa cosmovisão não é fechada a toda forma de transcendência, como pensa Dacanal. Humanidade e Divindade não são grandezas que se excluem, mas horizontes que se interpenetram na experiência histórica. “Que Deus existe, sim devagarinho, depressa. Ele existe – *mas quase só por intermédio da ação das pessoas: de bons e maus*” (p. 300; o destaque é meu). Na experiência existencial e nos acontecimentos históricos, Deus age mediante as ações humanas. É a superação do princípio deísta de que, quanto mais afirmamos a ação de Deus, mais desprezamos a ação humana, e vice-versa.

A existência e a ação de Deus sustentam a esperança e garantem a bondade possível das coisas e da vida, abrem o horizonte e libertam os sonhos, garantem um sentido contra o caos e a aparente doirdice da existência. “Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma!” (p. 48).

*Itacir Brassiani*  
Caixa Postal 356  
99001-970 Passo Fundo, RS